

Da deficiência em geral e do autismo em particular. A contribuição da arte¹

*About Disability in General and Autism in Particular.
The Role of the Art*

JOÃO VICENTE GANZAROLLI DE OLIVEIRA*

Resumo: Enquadrado neste perímetro amplo que é o da deficiência, o autismo difunde-se de forma crescente entre nós. Sabe-se pouco sobre ele, pois falta, na maior parte dos casos, o testemunho dos mais interessados. Ser autista é concentrar-se de forma anômala em si mesmo, a ponto de dificultar sobremaneira (e muitas vezes impedir por completo) a socialização e até mesmo a simples comunicação. Tal como em outras modalidades de deficiência, no caso do autismo, a atividade artística tem um valor terapêutico a ser levado em conta.

Palavras-chave: Deficiência. Pessoa. Autismo. Arte. Educação.

Abstract: Classified as disability, autism spreads widely and increasingly among us. Little is known about it, on the grounds of the lack of testimony of those who are the most interested. To be autistic is to be anomalously concentrated in oneself, to the point of having difficulties (many times insurmountable) to socialize and even to merely communicate with others. Just as it happens in other modalities of disability, in cases of autism, artistic activity plays a role that has to be taken into account.

Keywords: Disability. Person. Autism. Art. Education.

¹ Este artigo reproduz, com algumas alterações, a conferência de mesmo nome que pronunciei no Instituto Tércio Pacitti da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 10 dezembro de 2018. A conferência fazia parte das exigências acadêmicas relativas à minha promoção ao cargo de professor titular daquela instituição; o texto aqui apresentado é inédito. Agradeço ao analista de sistemas, professor, colega e amigo Antonio Borges pela sugestão do autismo como tema de pesquisa.

* João Vicente Ganzarolli de Oliveira é professor titular do Instituto Tércio Pacitti da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Contato: jganzarolli@usa.com

Sozinhos, é pouco o que podemos fazer;
juntos, podemos fazer muito.

Helen Keller

1 Deficiência: os problemas já começam pela definição

Definições para a deficiência existem muitas. Nenhuma delas é perfeita, dadas as limitações constitutivas da linguagem humana: entre o significante e o significado haverá sempre um abismo intransponível. As palavras, o máximo que conseguem, é arranhar suavemente a superfície das coisas que tentam representar. Dentre as dificuldades envolvidas, encontra-se a própria noção de linguagem: para falarmos da linguagem, precisamos nos servir dela, o que nos conduz ao território da metalinguagem – situação em que os recursos linguísticos são utilizados para tratar da própria linguagem. A situação é análoga à do observador que vê um objeto demasiadamente próximo dos seus olhos; a proximidade excessiva, longe de ajudar, atrapalha. No tocante à *deficiência*, a Organização Mundial de Saúde entende-a como termo genérico (*umbrella term*) que diz respeito a limitações de atividade e restrições de participação; é algo que compromete a função e a estrutura do corpo, da mente ou de ambos. Fala-se em *limitação de atividade* quando o indivíduo, por causa de deficiência, depara com obstáculos na execução de determinada tarefa ou ação. *Restrições de participação* referem-se a problemas vivenciados pelo indivíduo deficiente no contato com a sociedade em geral. A deficiência está longe de ser mero “problema de saúde”. É fenômeno complexo, que inclui as múltiplas possibilidades de relação entre a pessoa deficiente e o corpo social em que ela vive (cf. BOWE et alii, 2018).

“Deficiência”, em regra e por definição, é um déficit; descende do verbo latino *deficere* e designa a falta de algo que deveríamos ter e perdemos, ou que nunca tivemos (e.g., a visão). Sendo assim, ao dizermos pessoa *com* deficiência, designamos a *presença de uma ausência*, o que não deixa de ser contraditório; em termos de retórica, “pessoa com deficiência” é um oximoro,

figura de linguagem que consiste em relacionar numa mesma expressão ou locução palavras que exprimem conceitos contrários, tais como *festina lente* (“apressa-te lentamente”), “lúcida loucura”, “silêncio eloquente” etc. Trata-se de uma figura da retórica clássica. Dependendo do contexto, um oximoro pode ser considerado vício de linguagem (BUARQUE DE HOLANDA et alii, 2018).

No contexto em apreço, é, efetivamente, *vício de linguagem*, situação em que deparamos com “palavras ou construções que deturpam ou dificultam a manifestação do pensamento. Costumam ocorrer por desconhecimento das normas cultas da língua, ou por descuido por parte do emissor”, conforme explica Napoleão Mendes de Almeida (apud MELO et alii, 2018). Há mais: falando em pessoa *com* deficiência, transmite-se a falsa ideia de que a deficiência seria um detalhe, talvez até passageiro, na vida da pessoa – como é o caso de “pessoa com gripe”, “pessoa com fome” ou “pessoa com casaco marrom”. Ocorre que *a deficiência nunca é mero detalhe na vida de alguém*; muito pelo contrário, a deficiência sempre direcionará, de algum modo, o destino da pessoa atingida por ela.

Há, porém, certo mérito na expressão em tela: por contraditória que seja, *pessoa com deficiência* põe em relevo a individualidade especificamente humana, pois, dentre todas as criaturas, só nós somos, propriamente falando, *peçoas*. Rica em sua herança etimológica e em seus desdobramentos semânticos, a palavra latina *persona* (daí “personalidade”, “pessoa” etc.) parece derivar do termo etrusco *phersu* ou do grego *prósopon*, cujo sentido originário é o de “face” ou “máscara” utilizada no teatro, propiciadora de certa amplificação da voz: era um recurso da tecnologia teatral mediterrânea feito *per sonare*, “para ressoar”, facilitando assim a audição da voz humana por parte dos espectadores, notadamente os mais distanciados do palco: “[a palavra *persona*] designava de início a máscara do ator, através da qual ele fazia soar a voz (*per sonare*) e, mais tarde, aquele que se fazia ouvir através da máscara” (ALLERS, 1955, p. 18; ver também FREUND, 1866, t. II, p. 774-775). Ora, a voz é o pensamento transformado em som, e pensar é atividade caracteristicamente humana; a definição aristotélica do homem é a de “animal que fala” (*zoon lógon éxein*), aptidão que torna implícita a racionalidade – daí a tradução latina: *animal rationalis* (ARISTÓTELES, s/d, 133a). A máscara teatral dos antigos também servia para revelar o caráter e o estado emocional específico de cada *personagem*. Não surpreende que logo tenha surgido uma ligação intrínseca entre o conceito de *persona* e a noção de individualidade humana – e que, desse casal semântico, nascesse a palavra “personalidade” (cf. lat. *personalis* = “pessoal”), designativa daquilo que é essencial a cada um de nós, por tratar-se do “elemento estável da conduta de uma pessoa, ou seja, sua maneira de ser habitual e que, por isso, a diferencia das outras pessoas” (SILLAMY, 1965, p. 216; ver também HOFSTÄTTER, 1957, p. 223-228). Se, em vez da origem latina, atentarmos para a possível origem grega já referida

(*prósopon*), encontraremos conotações importantíssimas de ordem teológica; basta lembrar que *prósopon* relaciona-se com *hypóstasis*, que costumamos traduzir por “pessoa”, palavra nuclear para o florescimento da noção de Trindade Divina (cf. BAILLY, 1990, p. 1.683 e GRILLMEIER et alii, 2018). Inapelável é que estamos a falar de “pessoas em sua totalidade e que estas têm precedência em relação a toda e qualquer discussão quanto às capacidades que elas têm ou deixam de ter” (BROCK, SWINTON et alii, 2012, p. 9).² Livre do oximoro presente em “pessoa *com* deficiência”, a expressão “pessoa deficiente” (*disabled person*) enfatiza a identidade presente na deficiência; deixa claro que se trata de “uma identidade afirmativa, nada de que se deve ter vergonha (*not to be ashamed of*)” (BERGER, 2013, p. X). Eis porque, neste artigo, preferimos adotar a expressão “pessoa deficiente”.

Cabe lembrar que, em certas situações (muito menos frequentes que as de *falta*), a deficiência revela-se mediante um *excesso*. Ocorreu isso com a indiana Lakshmi Tatma, que nasceu em 2005 com oito membros e chegou a ser venerada como deusa em seu país. Será, aliás, a deusa Lakshmi, personagem milenarmente célebre do panteão hindu, a reminiscência de uma Lakshmi real e esquecida pela História?³ Será possível sabermos ao certo? Como tantas outras perguntas no universo da deficiência, esta pergunta provavelmente permanecerá sem resposta para sempre. O que sabemos é que a Medicina e a Tecnologia atuais trouxeram a jovem ao plano da normalidade; os médicos e tecnólogos foram bem-sucedidos em *retirar o excesso*, da mesma forma como, no caso da surdez, o que eles almejam é *suprir a falta* (cf. GANZAROLLI DE OLIVEIRA, 2002, p. 26-27). Imprescindível, em ambas as circunstâncias (de falta e de excesso), é que não se perca de vista o fato de que o corpo é “coprincípio essencial do ente humano”, conforme deixa claro o pensador brasileiro Ricardo da Costa (COSTA, 2012).

2 O que é o autismo?

Quanto ao autismo, é ele *mais um desses “problemas” que só acontecem com os outros* (liderando as estatísticas de 2017, o Japão apresentava 161 ocor-

² Para uma abordagem crítica do vocabulário politicamente correto utilizado no universo da deficiência, cf. GANZAROLLI DE OLIVEIRA, João Vicente. Discutindo palavras. In: _____. *Por que não eles?* Arte entre os deficientes. São Paulo: Cidade Nova, 2007, p. 41-63.

³ Aprofundei essa pergunta numa conferência pronunciada em 4 de abril de 2016 no Museu Vineta, da cidade alemã de Barth (cf. GANZAROLLI DE OLIVEIRA, 2017, p. 57-58; ver também PATIL et alii, 2018 e FIEDER, 1997, t. IV, p. 458sq).

rências a cada 10.000 pessoas), ou será que estamos diante de um fenômeno mais comum do que se costuma pensar? Muito apropriado, para o estudo e a compreensão do autismo, é o esclarecimento prévio de que temos pela frente uma deficiência, não uma doença. A doença é uma *situação*: trata-se da perda ou falta congênita da saúde, que muitas vezes pode ser recuperada ou obtida com o auxílio de medicação e tratamento específico. A deficiência é uma *condição perene* de falta de uma faculdade ou órgão que se deveria ter (o ser humano não é deficiente por faltar-lhe nadadeiras, mas o é quando tem apenas um braço), ou de acréscimo de algo que não se deveria ter (e.g., uma corcova) (ver a esse respeito CARDOSO, 2014, p. 35). O autismo pode ser classificado como deficiência neurológica, ou seja, uma “deficiência no sistema cerebral da teoria da mente” (GAZZANIGA, IVRY e MANGUN, 1998, p. 544).⁴

O autismo é uma deficiência que escapa às definições precisas. Isabelle Rapin (1927-2017), uma das maiores autoridades de todos os tempos em autismo, costumava dizer que “Provavelmente existem tantas formas de autismo quantas são as pessoas autistas” (apud DIESTELBERGER, 2017, p. 11). O termo “autismo” foi criado pelo psiquiatra austríaco Leo Kanner (1894-1981) na década de 1940. Kanner inspirou-se na palavra grega *autós*, que o célebre helenista francês Anatole Bailly traduz por “este mesmo, em oposição a um outro” (BAILLY, 1990, p. 317). Kanner encontrou na “insistência na imutabilidade” e no “isolamento autista” os denominadores comuns que passaram a protagonizar os diagnósticos de autismo a partir de então (ver a esse respeito FRITH, 2010, p. 27). Conhecedor das dificuldades e paradoxos que envolvem o autismo, bem como das especulações vazias ou aventureiras a seu respeito, Kanner costumava recomendar que as pesquisas sobre ele tenham por base a *modéstia*, a *humildade* e a *cautela*.⁵

O autismo não tem preferência por lugares. Inexiste uma “geografia do autismo” e tampouco há probabilidade maior de que ele atinja este grupo em

⁴ Quanto à “teoria da mente”, trata-se da habilidade humana para reconhecer seus próprios estados mentais (e.g., crenças, intenções, desejos, dissimulação, conhecimento etc.) e os das outras pessoas. Tal habilidade revela-se comprometida em pessoas que sofrem de autismo, esquizofrenia, transtorno do déficit de atenção com hiperatividade, desordem hiperativa, neurotoxidade e alcoolismo (cf. BRUNER et alii, 2018).

⁵ Cf. BAPTISTA; BOSA et alii, 2002, p. 21. A humildade, mãe de todas as virtudes, é uma arma infalível contra o medo. Apoiado em São João Clímaco (579-649), o psiquiatra Rudolf Allers (1883-1963) observa: “O medo é a marca de uma alma orgulhosa. Só quem se eleva, e se eleva muito alto, precisa temer a queda; aquele que está sentado no chão não pode cair” (ALLERS, 1955, p. 128).

vez daquele; como assegura a especialista alemã Uta Frith, “não há relação particular entre o autismo e a classe social ou a zona geográfica” (FRITH, 2010, p. 97). Ser *autista* é manter-se recluso em si mesmo, preferindo o procedimento repetitivo ao variado e recusando o contato com outros seres humanos, bem como com o próprio mundo que nos circunda. Tem “procedimento de autista” a pessoa que age como se nada mais existisse além de si mesma, em desconexão com os outros e tudo o mais que não seja ela própria. O jornalista e intelectual polonês Ryszard Kapuściński (1932-2007) relata uma situação desse tipo ocorrida no aeroporto da cidade armeniana de Erevã em 1990, às vésperas da desintegração do Império Soviético: “Eles [os viajantes] sentam-se e permanecem imóveis, como se fossem autistas, sem nenhuma conexão com os arredores (...)” (KAPUŚCINIŃSKI, 1994, p. 234).

É típico dos autistas a preferência por sensações *proximais*, ou seja, aquelas que requerem contato físico ou químico com a coisa percebida – é o que se dá mediante o tato, o olfato e o paladar; os deficientes intelectuais e a própria humanidade em geral preferem os receptores *distais*, que são a visão e a audição. É próprio dos autistas atenuar a falta de informações visuais e auditivas pelo emprego constante do tato, do paladar e do olfato como recursos para a exploração do mundo ao seu redor.⁶ Quatro vezes mais frequente nos homens que nas mulheres, a dinâmica centrípeta do autismo geralmente se manifesta antes dos três anos de idade. A incidência tão nitidamente maior em pessoas do sexo masculino aponta para uma possível origem biológica do autismo; talvez o sexo feminino esteja associado a mecanismos de proteção contra ele. Em contrapartida, quando ocorre em meninas, o autismo costuma ser mais severo (MÜLLER, 2016). Não se conhece a causa do autismo; nem sequer temos certeza de estar lidando com *uma* causa, pois talvez sejam várias as causas, capazes de atuar em conjunto ou isoladamente.

O ambiente familiar e o social não *causam* autismo; por outro lado, no tratamento de pessoas autistas, tanto a família como a sociedade terão importância fundamental. Cogita-se que o autismo seja ocasionado por algum(ns) fator(es) externo(s), responsável(is) por prejudicar o desenvolvimento de certas partes do cérebro; quanto à identidade desse(s) fator(es), pode ser que se trate de distúrbio(s) genético(s), vírus, deficiência(s) no sistema imunológico, anomalia(s) cromossômica(s) e assim por diante. Em raras ocasiões, o autismo

⁶ “Eles [os autistas] parecem encontrar prazer na sensação tátil provocada pela textura de superfícies como madeira lisa, bem como pelo macio e o plástico” (WING, 1985, p. 118).

associa-se a defeitos provocados durante o nascimento. Indiferente a critérios raciais, étnicos, sociais e econômicos, o autismo difunde-se de modo hereditário pelos quatro cantos da Terra – e, ao que tudo indica, não se restringe à espécie humana (BOWERS, 2011).

O autismo compromete o desempenho do cérebro durante o processamento da informação; altera-se o modo de conexão e de organização das células nervosas. A criança autista costuma ser indiferente à afeição que lhe é direcionada, sintoma que pode desaparecer na fase adulta.⁷ Seu aprendizado da fala é lento e distanciado da norma: faltam à vítima do autismo a tonalidade vocal, o ritmo e, muitas vezes, a capacidade de concatenação verbal dos fatos e circunstâncias; não são raros os casos de ausência de sentido, de ecolalia não contextual (repetição constante daquilo que o autista ouve da parte dos outros), bem como de repetição mecânica de sons e ruídos como substituto da linguagem propriamente dita. É possível que a ecolalia autista tenha propósito comunicativo; talvez se trate de pedidos ou sinais (cf. BAPTISTA, BOSA et alii, 2002, p. 28; ver também JERUSALINKI, 2015, p. 24). Lembremo-nos de que “As possibilidades de comunicação são ilimitadas. A comunicação acontece ininterruptamente no mundo, nos mais diversos níveis. Comunicação é mudança (*Kommunikation ist Veränderung*)” (MARCHART, 2017, p. 17).

Embora sensíveis ao extremo, as crianças autistas frequentemente não reagem ao fenômeno sonoro, à dor, à temperatura e nem ao perigo; amiúde, o senso sinestésico (responsável por informar o que o corpo realiza no espaço, em termos de movimento), a propriocepção (capacidade de reconhecer a localização do próprio corpo, o posicionamento das partes entre si etc.) e o sistema vestibular (noção de equilíbrio) produzem situações confusas entre os autistas; não raro eles constatarem, no interior de si mesmos, a existência de um “caos particular” (“*eigenes Chaos*”) (MARCHART, 2017, p. 165). É característico das crianças autistas serem solitárias. Habitualmente se enfurecem, riem e choram sem motivos aparentes. É comum que elas repudiem a mudança do ambiente que as circunda; faz parte do quadro autista a prática de certos movimentos rítmicos, tais como o bater das mãos e o balançar do próprio corpo. Aproximadamente 25% das crianças autistas tornam-se apreensivas às vésperas da idade adulta – sem esquecer, claro está, que toda criança “incorpora o poder

⁷ Sobre o aspecto especificamente neurológico do autismo e as anomalias cerebrais a ele relacionadas, cf. GAZZANIGA, IVRY e MANGUN, 1998, p. 327-329; ver também SCHWARTZMAN, 2003, p. 3-4.

da esperança para a teia da vida, lançando a luz do futuro sobre o presente” (KNAPP, 2015, p. 30).

3 Arte e superação

Tal como ocorre com a deficiência, não se dispõe de uma definição universalmente satisfatória para o que comumente chamamos de *arte*. Realmente, como esclarece o filósofo brasileiro Gilvan Fogel:

Arte faz parte desse repertório de palavras, de termos e de coisas que todos sabem o que é! Há até e principalmente um clima de sentimentalismo e de pieguice consensuais, uma certa atmosfera de devoção e de arroubo em torno do nome e da coisa arte. É de bom tom tomar-se um ar de profundo devotamento ao espírito e de reverência à cultura, quando se ouve falar de arte – diria nosso Machado: todos se fazem “abotoados de circunspeção até o pescoço!” Justamente por tudo isso, não se tem, não se teria o direito de se supor, de se pré-supor o que seja a arte. A verdade é que, se paramos para perguntar, verificamos que nada sabemos disso ou, pelo menos, sem jamais ultrapassar o entendimento comum e os seus comuns lugares, isto é, seus tópicos, deparamos com uma grandíssima dificuldade para expor clara e distintamente – tal *comme il faut!* – o tema, o problema (FOGEL, s/d).

Deriva do Romantismo a noção de que a arte enriquece nossa personalidade (ver a esse respeito MUNRO, 1956, p. 14sq). A arte tem a capacidade de repetir *a primeira vez*, trazendo de volta o gosto das origens. Seu aporte na área educacional é dos mais relevantes. Não custa lembrar que o substantivo “educação” deriva do verbo latino *educare*, cujo sentido primitivo indica o ato de “conduzir para fora” (*ex-ducere*) (cf. FREUND, 1866, t. II, p. 904-905). Fala-se aqui de um processo de *desdobramento da alma*, no qual o indivíduo é levado para fora de si mesmo, de modo a conhecer aquilo que é novo para ele. É algo válido e recomendável para qualquer pessoa. No caso da arte e da sua contribuição nesse processo, tenhamos em mente o que diz Albertina Brasil Santos (1925-2004): “a arte é vetor de inclusão social por excelência” (SANTOS et alii, 2002, p. 15). Cumpre recordarmos que, segundo o CONADE (Conselho Nacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência), Albertina Brasil Santos é

um ícone na defesa dos direitos de inclusão das pessoas deficientes. Deixa como legado um exemplo de dignidade e coragem diante dos desafios que enfrentou durante a sua estada entre nós, em prol do resgate do potencial humano. A sua

memória estará sempre presente e será recordada pela pessoa que foi e por aquilo que fez, por toda a delicadeza que sempre dispensou àqueles que tiveram o privilégio de usufruir da sua companhia, pelo testemunho que deixa de grande empenho e dedicação a causas justas em prol da inclusão das pessoas deficientes, inclusão esta buscada por meio da arte (VENTURA, 2012).

A inclusão social tende a envolver setores diversos da sociedade humana, notadamente a cultura, a política, a educação, a economia, a administração e as organizações em geral (cf. ELLGER-RÜTTGARDT, 2016, p. 45). Entretanto, de nada valerão os projetos de inclusão social se não tiverem por base o *investimento moral* em prol do respeito mútuo; em segundo lugar virão os recursos materiais e sociais em geral (ELLGER-RÜTTGARDT, 2016, p. 8). É um respeito mútuo que atua como causa e efeito da Regra de Ouro: “tratar os outros como queremos ser tratados; não tratar os outros como não queremos ser tratados” (JACKSON et alii, 2018). Eis aí um princípio elementar e atuante em toda e qualquer forma de atividade humana que aspire ao sucesso.

Veja-se que,

Do ponto de vista lexical, a palavra latina *ars, artis* (...) pode ser reconduzida à raiz indo-europeia *ar e ao tema -ti, que nas línguas indo-europeias é utilizado para formar nomes de ações. (...) Na fase mais antiga das línguas europeias, *téchne* e *ars*, assim como os seus derivados, referem-se genericamente a toda e qualquer atividade humana que implique certo saber fazer ordenado, certa habilidade passível de ser adquirida mediante um aprendizado propício (CARCHIA, D'ANGELO et alii, 1999, p. 17).

Embora não estabeleça juízo de valor quanto ao grau de domínio que possui o artista sobre a sua arte específica, a passagem acima aponta para a necessidade de que ela seja devidamente *aprendida*. Isso não significa que o aprendiz de uma atividade artística deva, forçosamente, visar a maestria de um artista consumado. Da mesma forma como não se ensina língua portuguesa a uma criança com o propósito de que ela se torne um novo Luís de Camões, tampouco se deve esperar de um estudante de acordeom que ele se transforme em um novo Astor Piazzolla. Os românticos estavam certos: o aprendizado da arte é benéfico a todo e qualquer ser humano; é atividade gratuita que engrandece a personalidade e amplia os horizontes do espírito, favorecendo um conhecimento maior de si mesmo, uma visão do mundo mais ampla e um aproveitamento mais profundo da própria vida como um todo.

A arte pode ser tida como atividade terapêutica, vital para que o indivíduo sadio preserve sua sanidade, permitindo ainda que a desfrute mais intensamente; no caso dos autistas e pessoas atingidas por alguma outra forma de deficiência, o benefício pode ser ainda maior. No perímetro da arte-terapia, o resultado bem feito interessa menos que a tentativa pura e simples de obtê-lo; durante a tentativa, é comum que a pessoa deficiente se esqueça de sua deficiência e sintam-se inteiramente integrada ao restante da humanidade. É claro que isso não impede que os produtos de tais tentativas tenham valor artístico em si mesmos; e para isso não precisamos recorrer aos exemplos tão famosos como os de Beethoven na música e John Milton na poesia: que se pense nas magníficas pinturas e desenhos feitos por Erich Stegmann (1912-1984), que tinha as mãos paralisadas e servia-se da boca para pintar e desenhar; nos belos poemas escritos por Laura Bridgman (1829-1889), que não tinha olhos para ver e nem ouvidos para escutar⁸; nos extraordinários desenhos realizados por Nadia Chomyn (1967-2015) durante a infância, não obstante ser autista: Nadia provou que “um talento precoce pode desaparecer tão depressa quanto aparece; sua produção artística interrompeu-se quando ela fazia progressos em outros domínios, como a linguagem” (FRITH, 2010, p. 223). Sempre rompendo paradigmas e concepções diversas, o autismo não impede forçosamente o desenvolvimento de dotes artísticos. Nascido em 1974, o britânico Stephen Wiltshire é autista e, desde criança, desenha extraordinariamente bem; basta-lhe ver uma vez um assunto visual para reproduzi-lo com exatidão assombrosa mediante o desenho. Com méritos de sobra, Stephen adquiriu reconhecimento mundial (ROJAS et alii, 2015).

...

É preciso ressaltar que Nadia Chomyn e Stephen Wiltshire não tiveram sua inteligência afetada pelo autismo, o mesmo valendo para todos os autistas que se destacaram no campo da arte. Eles pertencem àquela minoria que tem a vantagem de compreender bem o mundo que os cerca, acompanhada pela desvantagem de, nessa compreensão, se darem conta do seu próprio isolamento. Quanto à maioria dos autistas (75% deles sofrem de deficiência intelectual), o baixo QI protege-os do conhecimento daquilo que lhes falta, o que não

⁸ *Heaven is holy home. / Holy Home is from ever / lasting to ever lasting. / Holy home is Summery. / Holy home shall endure forever* (“O Céu é lar sagrado, lar sagrado para sempre, destinado a durar eternamente, abençoado com o tempo do verão. O lar sagrado permanecerá para todo o sempre”) (Laura Bridgman apud FREEBERG et alii, 2018).

deixa de ser vantajoso: ao mesmo tempo em que os impedirá de saber que são vítimas de uma deficiência, seu retardo intelectual leva-os a exigir pouco da vida, o que aumenta as suas chances de alcançar a felicidade. A grande desvantagem atinge sobretudo os familiares e amigos do autista deficiente intelectual, que nem sequer contarão com o devido testemunho do interessado acerca do mal que o aflige.

O retardo intelectual é deficiência que atua sobre o intelecto, sede da criatividade artística, entendendo-a no sentido restrito daquilo que gera o bem feito, proporcionado, *artístico* propriamente dito (cf. SANTO ISIDORO DE SEVILHA, 1982, I, 1, 1 a 2; CARCHIA, D'ANGELO et alii, 1999, p. 17-21). É frustrante e insensato esperar que a pessoa atingida por tal deficiência tenha resultados artísticos no mesmo nível que uma pessoa com inteligência normal ou superior. Isso de modo algum significa que a prática da arte não seja importante para o deficiente intelectual; é, e muito, pois alimenta positivamente a alma (o que vale para todo e qualquer ser humano) e favorece a sociabilidade – seja intensificando-a quando ela já está presente, seja inaugurando-a se ela inexistente.

Modelos de superação como os de Nadia Chomyn e de Stephen Wiltshire não apenas enobrecem a espécie humana; favorecem também uma tomada de consciência da parte de todos aqueles dotados de um corpo e uma mente 100% sadios, levando-os a perceber a que ponto são afortunados: “Precisamos do inverno, a fim de que nos lembremos da primavera”.⁹ Imagine-se a alegria de uma pessoa que, tendo perdido uma perna, acorda certo dia com o membro devidamente re-implantado! Registra a História que foi isso exatamente o que aconteceu no vilarejo espanhol de Calanda a Miguel Juan Pellicer (1617-1647), cuja perna amputada lhe foi restituída pela Virgem do Pilar dois anos e meio após a amputação decorrente de um atropelamento que lhe provocou gangrena naquele membro (cf. MARIE et alii, 2018). O milagre, presenciado por diversas testemunhas, passou por severa investigação religiosa e civil na época e revelou-se inteiramente verídico; o próprio Felipe IV, rei da Espanha na ocasião, entrevistou pessoalmente Pellicer. Em 1998, o investigador italiano Vittorio Messori dedicou um livro seríssimo ao assunto; apoiado em diversas fontes documentais primárias, Messori não deixa margem a dúvida acerca da restituição da perna perdida a Miguel Juan Pellicer, e que tal se deu por intercessão milagrosa da Virgem do

⁹ “*Wir brauchen den Winter, um uns an den Frühling zu erinnern*” (KNAPP, 2015, p. 320).

Pilar, da qual Miguel era devoto.¹⁰ Em 2012, Brian Dunning (1965), apólogo do ceticismo, tentou negar a veracidade do Milagre de Calanda. Advogando em causa própria, procedeu de modo desonesto e fraudulento em suas investigações – estratégia que parece fazer parte do seu *modus operandi*, pois em 2014, num contexto bem diverso, Dunning foi acusado e condenado por fraude (cf. VINCENT et alii, 2018; ver também MARIE et alii, 2018). Arrogante por natureza, o cético carece da humildade necessária para admitir que o simples fato de que ele não acredita em nada além daquilo que lhe convém acreditar não prova que inexistam coisas fora desse seu circuito umbilical de conveniência. A História da Deficiência e a da própria Humanidade são repletas de razões que a razão humana é incapaz de compreender; e milagres, por serem milagres, não se explicam.¹¹

¹⁰ Somente em 1959 realizou-se com sucesso a primeira tentativa de recolocar uma perna cortada. Os cirurgiões do Hospital Mont-Eden, de Hayward (Califórnia/EUA), conseguiram recolocar uma perna, mas imediatamente ao acidente (não três anos depois), sadia (não gangrenada) e que ficara ainda unida ao corpo por consideráveis partes de carne (não uma perna enterrada!). E o maravilhoso êxito da cirurgia humana precisou de meses de cuidados médicos antes de o paciente receber alta. Logo após a restituição milagrosa, ocorrida enquanto Miguel dormia, ele e seus pais “examinaram a perna amputada descobrindo imediatamente sinais inconfundíveis que permaneciam nela: o mais notório e principal, a cicatriz originada pela roda do carro que lhe fraturara a tibia; outra cicatriz, menor, ocasionada pela extirpação, na adolescência, de um abscesso; e, por último, dois profundos sinais de cortes provocados por um arbusto de espinhos, além das marcas da mordida de um cachorro” (GAMBARINI, 2018).

¹¹ A referência a um milagre vinculado à religião católica desagradou sensivelmente a dois membros da banca que avaliava minha solicitação de titularidade acadêmica – desagrado que dificilmente ocorreria se a menção fosse a quaisquer outras modalidades de crença. Ao tentarem mascarar seu ateísmo apriorístico e sua cristofobia com a alegação simplória de que “milagre nada mais é do que aquilo que os recursos científicos ainda não foram capazes de explicar”, calaram-se apenas quando um teólogo, que integrava a mesma banca, afirmou: “se assim for, os buracos negros precisarão ser chamados de milagres”. Fato é que “Deus excede a nossa capacidade intelectual, ultrapassa as dimensões da nossa inteligência e faz ir pelos ares as raias da nossa capacidade cognoscitiva, acerca do que Deus pode e não pode ser, pode e não pode realizar. A divindade é transcendente e o seu domínio não tem limites. Quem sabe as intenções do Senhor, quem foi Seu conselheiro? Tal como o Céu está longe da Terra, assim Deus paira acima dos nossos pensamentos. Se expusermos ao homem atual este conceito infinito de Deus, há de tomá-lo por inacreditável. E, assim, vemos nós, de uma vez para sempre, que também nos é facultado o acesso à maravilhosa atuação de Deus. N’Ele é tão grande a liberdade e tanto para lá das nossas ideias que temos de afirmar: o Deus oculto pode, na maneira mais inesperada, para os homens, realizar prodígios, mesmo onde ninguém os iria imaginar” (JAEGER, *In*: SCHAMONI, 1984, p. 11). Sabemos que a fé em Deus escapa ao âmbito de estudos da Filosofia; é assunto pertinente à Teologia, disciplina soberana neste e em tantos outros assuntos: *philosophia, ancilla theologiae*, já ensinavam São Pedro Damiano (1006-1072) e demais sábios da Idade Média (para uma análise aprofundada do *sentido da fé*, bem como da noção de *liberdade de pensamento*, cf. FERREIRA, 2015; e SILVEIRA, 2016).

4 Autismo, um mundo à parte

Considere-se o típico enclausuramento do autista, que vive como se habitasse um mundo à parte, um planeta só dele. Isso dificulta exponencialmente o entendimento do autismo; impede que contemos com os testemunhos dos mais interessados. A pessoa autista é incapaz de explicar devidamente *o que é ser autista*; fazendo isso, ela já estaria do lado de fora da redoma que cerca seu mundo particularíssimo, deixando assim de ser autista; noutras palavras, ela estaria curada. Suas afinidades com a deficiência intelectual e seu isolamento distintivo fazem do autismo uma *terra incognita*, da qual nem sequer as fronteiras são conhecidas com nitidez.¹² Tenhamos também em mente: a) numericamente falando (isso desde a década de 1960, pelo menos), o retardo intelectual é a deficiência que mais atinge a humanidade (cf. KRYNSKI et alii, 1969, p. V); b) a maioria dos autistas sofre de retardo intelectual, mas a recíproca não existe: os deficientes intelectuais raramente são autistas.

Cabe admitir que “o autismo é um dos distúrbios mais intrigantes e massacrantes de que se tem notícia (ROCHA apud FACION, 2002, p. 6)”, e sua compreensão requer um aprendizado incessante (cf. BAPTISTA, BOSA et alii, 2002, p. 12). Efetivamente, o autismo afeta vários setores do desenvolvimento humano, comprometendo o comportamento, a comunicação e a sociabilidade (cf. DE FIGUEIREDO E SILVA, 2005, p. 11). As emoções do autista deparam com sérios obstáculos. O próprio termo *emoção* já fala por si mesmo, pois deriva da expressão latina *ex movere*, que significa “movimentar para fora”. Sendo um sintoma nuclear do autismo a dificuldade para sair de si mesmo, a exteriorização dos sentimentos (na prática, é isso que “emoção” significa) será forçosamente comprometida. Por outro lado, assim como a ausência da visão tende a motivar o cego a explorar mais os quatro sentidos que lhe restam, o autista é estimulado, pela própria Natureza, a revelar suas emoções mediante códigos não convencionais, por assim dizer. A prática do desenho é um dentre os mais expressivos desses códigos. Em regra, todos os desenhos do autista são

¹² Minha formação inicial é em Engenharia Cartográfica, o que por vezes, ainda hoje, faz-me pensar como cartógrafo. É o que ocorre aqui. Tomei como metáfora representativa do autismo a expressão *terra incognita*, já presente nas versões latinas da célebre *Geografia* de Ptolomeu (c. 150 d. C.), e designativa de terras não mapeadas e nem documentadas, por isso mesmo desconhecidas para a cultura ocidental. Até a Era das Navegações, eram *terrae incognitae* cerca de 1/5 da Europa, a maior parte da Ásia e da África, além da totalidade das três Américas, da Oceania e da Antártica (cf. SMITH et alii, 1952, p. 3-5 et passim; CICCUTO, 1998, p. 11-78).

reveladores do seu mundo interior; a especialista Patricia Josefine Marchart acerta ao dizer que, em situações como essas, a dicotomia “com sentido/sem sentido” não se aplica.¹³

É verdade que o autista vive *num mundo à parte*; e tampouco se pode negar que toda indagação acerca do autismo exige que o indagador saia do seu próprio mundo e se esforce para ingressar naquele em que vive o autista – só assim é possível uma disposição recíproca para o contato, por mínimo que seja. Cada caso de autismo é, de certo modo, único, o que justifica a necessidade de “tratamentos terapêuticos individuais para o autista, de acordo com a demanda de cada um” (CORDEIRO DE MELO apud FACION, 2002, p. 7). Num trabalho recente – direcionado para outro tipo de deficiência, mas nem por isso menos válido para o entendimento do autismo e da própria deficiência em geral –, o analista de sistemas Marcos Fialho diz que “a solução [em termos de tecnologia assistiva] deve ser adaptada a cada indivíduo” (FIALHO DE CARVALHO, 2015, p. 15).

Conforme já se indicou, nem sempre o autista tem inteligência baixa. É o que ocorre na forma de autismo denominada síndrome de Asperger. Pioneiro na investigação e no tratamento dessa síndrome, o pediatra austríaco Hans Asperger (1906-1980) teve seu nome definitivamente associado a ela, sob a forma de homenagem póstuma. A síndrome de Asperger se manifesta por meio de sintomas tais como a dificuldade extrema na interação social, geralmente associada à limitação de interesses e à repetição comportamental, e ainda a certa excentricidade no modo de agir; não há, porém, atraso no surgimento da linguagem e nem déficit intelectual. Jogos de encaixe, vídeos interativos, modelos estruturais (e.g., do interior de um átomo ou de uma molécula), objetos passíveis de colecionar (e.g., selos, moedas), assuntos de matemática, música e artes plásticas costumam despertar grande interesse nos autistas enquadrados em tal categoria. Não raro, as pessoas atingidas pela síndrome de Asperger tentam atenuar a carência do convívio social mediante a criação de “amigos imaginários”. É grande a sua vulnerabilidade aos vícios, notadamente o alcoolismo, a toxicomania e o “vício da internet”; particularmente aliciantes para esses autistas revelaram-se os *games* do tipo MMORPG (abreviatura de *massively multiplayer online role-playing game*). Não é desnecessário lembrar que a prática de tais jogos não *provoca* o autismo; por outro lado, ela

¹³ “Sinnvoll oder sinnlos existiert für mich nicht” (MARCHART, 2017, p. 35).

permite que os autistas “escapem para um mundo no qual eles podem evitar as interações reais, face a face”, conforme explica o médico John Charlton (apud CORDESS et alii, 2018).

É fácil ver que o “vício de internet” e demais escapismos típicos da nossa era ultra-tecnológica vão muito além dos contornos temáticos da síndrome de Asperger e demais formas de autismo. Mais e mais o mundo *off line* confunde-se com o mundo *on line*. As redes sociais e o telefone celular garantem ao indivíduo obscuro uma visibilidade que ele nunca teria de outra forma; praticamente já não há mais quem não possa ter seus “quinze minutos de fama” e ampliar tanto quanto queira sua lista de “amigos” virtuais neste “redemoinho de atividades e de inovações” em que vivemos (GARCIA, 2012). Se o *facebook*, o *instagram* e demais recursos tecnológicos do mesmo porte nos tornaram mais *comunicativos uns para com os outros e satisfeitos conosco mesmos*, a questão, evidentemente, é outra.

Comumente, o autismo associa-se a outras deficiências, tais como a visual e a auditiva, à epilepsia, à distrofia muscular de Duchenne, à desordem genética denominada “complexo esclerose tuberosa”, a certas doenças infecciosas (em particular virais) bem como a diversas síndromes (e.g., de Down, neurocutâneas, de Cornélia de Lange etc.) (ver a esse respeito SCHWARTZMAN, 2003, p. 71-93). Tais associações, contudo, são protagonizadas pela deficiência intelectual, característica presente na maior parte dos casos de autismo (aproximadamente 3/4 deles). O autismo aproxima-se da síndrome de Down, no que tange às dificuldades para a prática da fala. As causas do sintoma são distintas, pois derivam de bases fisiológicas bem diversas entre si. Embora seja costumeiro haver déficit cognitivo entre os autistas (não mais do que 30% das crianças autistas têm o coeficiente de inteligência acima de 70), a dessemelhança básica é mantida, e esta consiste na criação de um mundo próprio por parte do autista; sua relação com a realidade é essencialmente centrípeta: nada interessa tanto ao autista quanto o recolher-se em si mesmo.

Muitas vezes a pessoa autista, bem como a deficiente intelectual em geral, atua com desenvoltura no campo do artesanato, que inclui-se no fazer artístico, entendido a partir de uma perspectiva ampla como o processo pelo qual são acrescentados à Natureza produtos que ela não gera por si mesma, pois necessita do homem (e só dele) como mediador. A Natureza fornece o mármore, mas não a estátua marmórea de Moisés; para isso precisamos de Michelangelo. Segundo Aristóteles,

Se uma casa fosse gerada pela natureza, isso se realizaria como se fosse gerada pela arte; por outro lado, se os seres naturais não fossem produzidos apenas pela natureza, mas também pela arte, seriam produzidos pela arte da mesma maneira como o são pela natureza (ARISTÓTELES, s/d, 199a).¹⁴

Eis uma regra de validade universal; aplica-se tanto a um templo helenista em Pérgamo quanto a uma pirâmide zapoteca em Monte Albán. Dá-se uma relação de complementaridade entre a natureza e a arte, fontes criadoras de tudo que existe e nos é acessível pelos sentidos: imitando a atividade incessantemente produtora da natureza, a arte produz o que essa mesma não chega a produzir.¹⁵ O estímulo, aliás, é incessante; pois as forças naturais como os ventos, os mares e os rios estão sempre atuando como escultores: ora acrescentando novas formas, ora desfazendo as velhas, modelando assim a crosta da Terra.¹⁶

Tal como a arte é tema que diz respeito apenas ao homem, assim se dá com a beleza. O homem, como já estabelecera Panécio na Grécia antiga, é o único ser que atribui valores estéticos às coisas (cf. DE BRUYNE, 1963, v. I, p. 194). Servindo-se do mesmo diapasão, Franz Boas defende a ideia de que “todos os membros da humanidade desfrutam o prazer estético” (FRANCH, 1982, p. 48). Daí também ser lícito pensar na arte como fenômeno universal – comum, portanto, a todos os povos. Tendo como referência exclusiva o apelo estético (por isso gratuito) dos produtos fabricados pelo homem, pode-se dizer que, antes do Paleolítico Superior (c. 40.000 a. C.), a arte não parece ter sido praticada. Lembremo-nos de que a era paleolítica (2,5 milhões de anos a 10.000 a. C.) é de uma enorme inatividade cultural; as modificações são lentíssimas, se tomarmos como referência a escala humana; se trinta mil anos são um tempo curto para a geologia, para o homem, constituem um tempo inimaginavelmente longo. Para o Paleolítico Inferior (2,5 milhões de anos a 250.000 a.C.) e o Paleolítico Médio (250.000 a 40.000 a. C.) faltam-nos provas concludentes de que a atividade cria-

¹⁴ Sobre o binômio metafísico matéria-forma, cf. BETTENCOURT DE FARIA, 1986, p. 59-64.

¹⁵ Merecem consideração estas palavras do especialista William David Ross (1877-1971) acerca da *Poética* de Aristóteles, obra escrita em c. 344 a. C. e que “assinala o começo da libertação de dois erros que, repetidas vezes, têm deteriorado os juízos estéticos: a tendência a confundir os juízos estéticos com os juízos morais, e a tendência a considerar a arte como uma simples reprodução ou fotografia da realidade” (ROSS, 1957, p. 413).

¹⁶ “Para o geógrafo, os rios são portadores de sedimento. Para o historiador, são portadores de cultura, ideias e, algumas vezes, de conflito” (DAVIES, 1998, p. 64).

dora do ser humano havia escapado da órbita essencialmente utilitária; faziam-se ferramentas e utensílios diversos, transformando a pedra, o osso e a madeira que a natureza, por si mesma, fornecia (ver a esse respeito BRODRICK, 1965, p. 9; PIGGOT, 1966, p. 21). Nos dias atuais, é este sentido especificamente estético que costumamos atribuir à palavra “arte”: um processo de criação que resulta na existência de coisas belas, consideradas, em decorrência, como “obras de arte”. É um processo que passa a ocorrer entre os homens há cerca de 40.000 anos apenas; isso se dá em solo europeu, cabendo ao homem aurinhacense o pioneirismo. Pinturas rupestres, adornos feitos de marfim, flautas e estátuas valem como marco inaugural (cf. SCHRENCK e MÜLLER, 2005, p. 101).¹⁷

Contrariamente ao que se dá com as crianças que sofrem de síndrome de Down, as crianças autistas têm aparência física normal. Com muita frequência, são bonitas, cativantes e possuidoras de qualidades que contrastam com o seu *handicap*. Fala-se aqui de qualidades desvinculadas da linguagem e do pensamento abstrato. É sabido que

a maioria das crianças autistas ama a música e algumas podem cantar muito bem. Costumam ter facilidade para completar quebra-cabeças e jogos de armar que dependam de reconhecimento de formas. Certas crianças autistas são bastante hábeis com coisas elétricas ou mecânicas. Isso não ocorre com todas elas. Algumas delas são deficientes em quase tudo, mas a maioria se destaca em atividades que não requerem o uso de palavras (WING, 1985, p. 121; ver também GAUDERER et alii, 1985, p. 27, 28 e 33).

Assente em comprovação empírica é este fenômeno, que a educadora e artista plástica polonesa Fayga Ostrower (1920-2001) fez questão de destacar num dos seus livros: desenhos, pinturas e esculturas produzidas por crianças “da mesma faixa etária e em circunstâncias normais de saúde e desenvolvimento biológico são absolutamente idênticos no mundo inteiro” (OSTROWER, 1990, p. 87). Prejudicadas em sua coordenação motora, as crianças autistas costumam ter grandes dificuldades para desenhar, pintar e esculpir. O problema pode

¹⁷ Referindo-se às pinturas pré-históricas de Altamira, o filósofo espanhol José de Ortega y Gasset (1883-1955) chegou a se perguntar: “Não é um escândalo que a arte pictórica – uma coisa tão difícil, segundo os pintores – já comece com o perfeito?” (ORTEGA Y GASSET, 1969, p. 138). Se a função da pintura fosse puramente mágica, como alguns especialistas supõem ser, por que haveria tanta ênfase na beleza? É possível inclusive que tenha havido uma relação entre a pintura e a música da pré-história; em algumas cavernas, os compartimentos com desenhos ou pinturas são aqueles onde a ressonância é melhor (cf. LEAKEY, 1997, p. 143 et passim).

ser atenuado mediante práticas terapêuticas. Em todo caso, “pouquíssimas crianças autistas são criativas. Para aquelas que possuem habilidade específica, o processo de ensino a ser adotado deve ser praticamente o mesmo que aquele usado com crianças normais” (GLAT e KADLEC, 1985, p. 161).

5 A título de conclusão

Na maior parte dos casos, a pessoa autista não se torna independente; dependerá quase sempre, mesmo na idade adulta, de terceiros que cuidem dela. Estima-se que, em 2015, havia no mundo quase 25 milhões de vítimas de autismo. Desde a década de 1980, o termo “autista” tem sofrido descrédito. Dadas as muitas variantes nos sintomas do autismo, os especialistas começaram a englobá-lo numa caracterização mais flexível, designada *transtornos globais de desenvolvimento*, abreviada como TGD. Inclui-se no conceito de TGD a “tríade autista” (comprometimento na interação social, comprometimento na comunicação e comportamentos repetitivos e estereotipados), versão resumida do chamado “espectro de autismo”. Em prol da simplicidade, mantenho-me fiel à designação antiga. É inevitável que haja defasagem entre as coisas e os nomes que lhes damos; estes não passam de aproximações, portanto inexatas, em nossas tentativas de compreender e decodificar a realidade, que sempre é muito mais ampla do que o discurso que a descreve. Tratando-se de doenças e de deficiências, a imperfeição se acentua, pois a nomenclatura destas é incapaz de se desgarrar totalmente dos estigmas que os indivíduos e as sociedades costumam projetar sobre elas. Nada ganharíamos, pois, trocando “autismo” por “transtornos globais de desenvolvimento”; talvez até perdêssemos, sobretudo se nos filiássemos à abreviatura “TGD”, uma vez que esta comporta, além dos estigmas há pouco referidos, a rubrica impessoalizante das siglas em geral. Deve ser lembrado que o uso sistemático de siglas foi uma invenção nazista; fazia parte do programa de maquinização da linguagem, facilitando assim o processo de lavagem cerebral da população alemã, dirigido por Goebbels; dentre os seus objetivos, constava o de aniquilar as pessoas deficientes. As próprias câmaras de gás, antes de serem utilizadas contra os judeus e demais grupos politicamente indesejáveis ao Terceiro Reich, serviram para matar doentes mentais. Interessava limpar a face da Terra de todos aqueles que haviam nascido “geneticamente incorretos”, destinados assim a viverem “vidas indignas de serem vividas”: *Vernichtung lebensunwerten Lebens* (apud CLAIR,

2001, p. 86; ver também PICHOT, 2000, p. 258sq). Até hoje, a eliminação da pessoa deficiente é prática comum em certas tribos indígenas brasileiras. No entender de “muitos antropólogos respeitados”, tais práticas, por serem “culturais”, devem ser mantidas (FIALHO DE CARVALHO, 2015, p. 32).

São práticas que pertencem ao perímetro contextual da eugenia, que chegou a ser “moda” em várias partes do mundo, entre o fim do século XIX e “boa” parte do século XX. Em prol de uma suposta “raça pura”, tornou-se regra a segregação de doentes mentais, autistas e deficientes em geral. Entre 1907 e 1949, cerca de 50.000 deficientes intelectuais foram esterilizados nos Estados Unidos. Em 1933, a Alemanha recém-nazista baseou-se num projeto californiano para decretar uma lei de “esterilização eugênica”, em nome da qual centenas de milhares de deficientes intelectuais foram esterilizados; o passo para a eutanásia foi curto: entre 1939 e 1945 não menos de 200.000 pessoas deficientes foram “legalmente” mortas em nome da eugenia nazista. Perceba-se que

Os Estados Unidos e a Alemanha não foram as únicas nações ocidentais a esterilizar pessoas deficientes. A Dinamarca chegou a ter um programa de esterilização entre 1930 e 1954, mediante o qual pelo menos 8.627 pessoas foram esterilizadas. O programa eugênico sueco vigorou nas décadas de 1930 e 1940; só em 1948 2.278 pessoas deficientes foram esterilizadas naquele país (ALBRECHT et alii, 2000, p. 40).

No Brasil, mais de 60.000 internos de um manicômio de Barbacena (que servia para *aprisionar* loucos, autistas e deficientes intelectuais em geral, além de “indesejáveis” de todas as categorias) morreram entre 1903 e 1980, em decorrência das condições sub-humanas em que haviam sido obrigados a viver (cf. VELOSO, 2016).

...

Uma das principais barreiras para uma inclusão social efetiva das pessoas deficientes é o despreparo (em regra acompanhado pelo desinteresse) das sociedades para lidar com o assunto. No caso do autismo, uma nova dificuldade vem somar-se ao contexto, a saber, a própria dinâmica centrípeta que rege o comportamento dos autistas: *é necessário tirá-los de dentro de si mesmos e colocá-los em contato com os outros seres que povoam o mundo exterior a eles; e nisso consiste a grande dificuldade da empresa, pois o que se almeja é socializar pessoas deficientes cuja deficiência consiste, por definição,*

na recusa da sociabilidade. Cumpre explorar ao máximo as oportunidades de desenvolvimento da iniciativa por parte do autista. No campo do esporte, por exemplo, as possibilidades de participação dos autistas dependerão do nível de comprometimento e de sintomas vigentes no espectro de autismo de cada indivíduo autista, pois são fatores passíveis de grande variação. Por vezes, o autista é capaz de desempenho desportivo notável, podendo até competir em nível paraolímpico.

Comuníssimo, no universo autista – e na própria deficiência em geral –, é o abandono por parte do pai. Segundo dados recentes fornecidos pela ABBR (Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação), sediada no Rio de Janeiro, o índice de rejeição e abandono paternos abrange 90% dos filhos deficientes.¹⁸ É uma atitude raras vezes partilhada pela mãe; embora desamparada, ela, quase sempre, continua a cuidar do filho, não poupando sacrifícios para tanto. É este precisamente o tema do documentário belga *The kangaroo complex*, dirigido por Sarah Moon Howe em 2014 e exibido no Rio de Janeiro em 2015 por ocasião do 7º *Festival internacional de Filmes sobre Deficiência. Assim Vivemos*. São quatro histórias reais de quatro autistas criados e cuidados heroicamente por mães abnegadas, e tudo isso – não custa frisar – a despeito da mais completa ausência da figura paterna.

Até o presente momento, não há cura para o autismo; é, conforme já dito, uma deficiência e não uma doença. Uta Frith chega a dizer que cada nova hipótese de tratamento do autismo é um “mergulho no desconhecido” (FRITH, 2010, p. 59). Constitui enorme desafio tirar a criança autista de dentro de si mesma, levando-a a se interessar pelo mundo ao seu redor, e isso de forma renovável. Lembremo-nos de que é próprio das crianças verem as mesmas coisas já vistas como se as estivessem vendo pela primeira vez. Como disse Gustavo Corção,

A primeira visão da criança é verdadeiramente primeira. (...) Na criança, a maravilha é monótona, igual, lisa, tranquila: é o chão onde poderão florir alguns sorrisos de verdadeira alegria e algumas experiências de verdadeira poesia. A infância é um depósito de mistérios (CORÇÃO, 1955, p. 117; ver também GANZAROLLI DE OLIVEIRA, 1997, p. 277).

¹⁸ A informação me foi dada em 2012 por Vera Lucia da Fonseca Germano, catequista voluntária da A.B.B.R. Segundo ela, sete entre cada dez crianças deficientes que frequentam a A.B.B.R. tiveram a sua deficiência causada por erros médicos.

Eis uma verdade universalmente válida para a infância, atingida ou não pela deficiência. Trata-se de um mistério iluminado pela esperança, virtude essencial nos esforços para a compreensão do autismo, e pela criação de medidas em prol das pessoas autistas, independentemente da faixa etária. Uma delas é o ensino e a prática da arte, atividade particularmente frutífera na tentativa de superar a deficiência. E quanto ao autismo em particular, em grande parte *terra incognita*, esperemos que ele não demore a ter o seu Cristóvão Colombo.

Referências

- ALBRECHT, Gary L. et alii. *Handbook of Disability Studies*. Thousand Oaks/Londres/Nova Déli: Sage, 2000.
- ALLERS, Rudolf. *Psicologia do caráter*. Tradução: N. L. Rodrigues. 3. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1955.
- ARISTÓTELES. *Opera omnia graece et latine*. Paris: Firmin-Didot, s/d.
- BAILLY, Anatole. *Dictionnaire grec-français*. Paris: Hachette, 1990.
- BAPTISTA, Claudio Roberto; BOSA, Cleonice et alii. *Autismo e educação*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- BERGER, Ronald J. *Introducing Disability Studies*. Boulder (Colorado)/Londres: Lynne, 2013.
- BETTENCOURT DE FARIA, Maria do Carmo. *Primeira leitura da metafísica de Aristóteles*. 1986. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1986.
- BOWE, Frank et alii. *Disability*. 2018. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Disability>. Acesso em: 14 nov. 2018
- BOWERS, Kathryn. *Can Dogs Have Autism? The answer could help humans*, 2011. Disponível em: http://www.slate.com/articles/technology/future_tense/2017/06/do_dogs_get_autism_the_answer_could_help_humans.html. Acesso em: 27 out. 2018.
- BROCK, Brian; SWINTON, John et alii. *Disability in the Christian Tradition: a Reader*. Grand Rapids (Michigan)/Cambridge: Eerdmans, 2012.
- BRODRICK, A. Houghton. *La pintura prehistórica*. Tradução: Helena Pereña de Malagón, 3. ed., México/Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1965.
- BRUNER, J. S. et alii. *Theory of Mind*, 2018. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Theory_of_mind. Acesso em: 27 out. 2018.

- BUARQUE DE HOLANDA, Aurélio et alii. *Oximoro*, 2018. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Oximoro>. Acesso em: 14 nov. 2018.
- CALDAS AULETE, Francisco Júlio de; SANTOS VALENTE, António Lopes dos. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 3. ed., Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1948.
- CARCHIA, Gianni; D'ANGELO, Paolo et alii. *Dizionario di estetica*. Roma/Bari: Laterza, 1999.
- CARDOSO, Marilene. Deficiência mental; conhecer para incluir. In: SANTAROSA; Lucila Maria Costi; CONFORTO, Débora; VIEIRA, Maristela Campagnori (orgs.). *Tecnologia e Acessibilidade. Passos em direção à inclusão escolar e sociodigital*. Porto Alegre: Evangraf, 2014.
- CICCUTO, Marcello. Introduzione. In: Marco Polo. *Il Milione*. Milão: Rizzoli, 1998. p. 5-45.
- CLAIR, Jean. *La barbarie ordinaire*. Paris: Gallimard, 2001.
- COMER, Ronald J. et alii. *Autism Spectrum*, 2018. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Autism_spectrum. Acesso em: 14 nov. 2018.
- CORÇÃO, Gustavo. *Três alqueires e uma vaca*. Rio de Janeiro: Agir, 1955.
- CORDEIRO DE MELO, Sandra. In: FACION, José Raimundo et alii. *Reflexões sobre um modelo integrativo*. Brasília: CORDE/SICORDE, 2002.
- CORDESS, Christopher et alii. *Syndrome of Asperger*, 2018. Disponível em: https://fr.wikipedia.org/wiki/Syndrome_d%27Asperger. Acesso em: 27 out. 2018.
- COSTA, Ricardo Luiz Silveira da. *A estética do corpo na filosofia e na arte da Idade Média: texto e imagem*, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732012000400011. Acesso em: 11 jul. 2018.
- DAVIES, Norman. *Europe, a History: a Panorama of Europe, East and West, from the Ice Age to the Cold War, from the Urals to Gibraltar*. Nova York: HarperPerennial, 1998.
- DE BRUYNE, Edgard. *Historia de la Estética*. Tradução: Armando Suárez. Madri: B.A.C., 1963.
- DE FIGUEIREDO E SILVA, Márcia Valéria. *Autismo e Educação: possíveis intervenções comportamentais*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- DIESTELBERGER, Anton. Vorwort: Autismus hat viele Gesichter. In: MARCHART, Patricia Josefine. *Autistische Welten? In Zeichnung, Text, Foto und Film. Erkennbare Codes. Erkennbare Eigenschaften. Wie können wir einander verstehen?* Viena: Erhard Löcker, 2017.

ELLAGER-RÜTTGARDT, Sieglind Luise. *Inklusion. Vision und Wirklichkeit*. Stuttgart: Kohlhammer, 2016.

FACION, José Raimundo et alii. *Reflexões sobre um modelo integrativo*. Brasília: CORDE/SICORDE, 2002.

FERREIRA, Antonio Luiz Catelan. “O ensino do Magistério a respeito do *sensus fidei*”, in <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/22351/13647>, consulta feita em dezembro de 2018.

FIALHO DE CARVALHO, Marcos. *Proposta de interface baseada em giroscópio para auxiliar pessoas com deficiência múltipla no uso do sistema DOSVOX*. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciência da Computação) – Instituto de Matemática e Instituto Tércio Pacitti de Aplicações e Pesquisas Computacionais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

FIEDER, Katja et alii. *Brockhaus, die Bibliothek: Kunst und Kultur*. Leipzig: Brockhaus, 1997.

FOGEL, Gilvan. *Arte e vida*. s/d. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/existenciaearte/Edicoes/1_Edicao/Arte%20e%20Vida%20Gilvan%20Fogel.pdf. Acesso em: 27 out. 2018.

FRANCH, José Alcina. *Arte y antropología*. Madri: Alianza Editorial, 1982.

FREEBERG, Ernest et alii. *Laura Bridgman*, 2018. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Laura_Bridgman#Religion. Acesso em: 14 nov. 2018.

FREUND, G. *Grand dictionnaire de la langue latine*. Tradução: N. Theil. Paris: Firmin Didot, 1866.

FRITH, Uta. *Lénigme de l'autisme*. Tradução: Ana Gerschenfeld e Stéphane Roques. 2. ed. revista e aumentada. Paris: Odile Jacob, 2010.

GAMBARINI, Pe. Alberto. *O milagre de Calanda*, 2018. Disponível em: <https://www.encontrocomcristo.com.br/milagre-de-calandra-a-perna-reimplantada/>. Acesso em: 9 jul. 2018.

GANZAROLLI DE OLIVEIRA, João Vicente. *Do essencial invisível: arte e beleza entre os cegos*. Rio de Janeiro: Revan/FAPERJ, 2002.

_____. Gustavo Corção: um século. *Santa Barbara Portuguese Studies*, Santa Barbara (Califórnia), v. IV, p. 274-277, 1997.

_____. *Kunst und Behinderung: braucht man einen besonderen Grund, um sich diesen Themen zu widmen?*, 2017. Disponível em: www.ijcas.net. Acesso em: 12 set. 2018.

_____. *Por que não eles? Arte entre os deficientes*. São Paulo: Cidade Nova, 2007.

- GARCIA, Elena. *A Atividade Criadora como Condição Natural do Homem: Os Significados da Criação e o Pensamento Criador Segundo Einstein*, 2012. Disponível em: http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo5/GARCIA_Elena_Moraes.pdf. Acesso em: 14 nov. 2018.
- GLAT, Rosana; KADLEC, Verena Seidl. O pensamento de Wendy Brown. In: GAUDERER, E. Christian et alii (org.). *Autismo Década de 80*. São Paulo: Sarvier, 1985.
- GAUDERER, E. Christian et alii (org.). *Autismo. Década de 80*. São Paulo: Sarvier, 1985.
- GAZZANIGA, Michel S.; IVRY, Richard B.; MANGUN, George R. *Cognitive Neuroscience: The Biology of the Mind*. Nova York/Londres: W. W. Norton & Company, 1998.
- GRILLMEIER, Aloys et alii. *Prosopon*, 2018. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Prosopon>. Acesso em: 12 set. 2018.
- HAMONET, Claude Hamonet. *Les personnes en situation de handicap*. Paris: PUF, 2012.
- HOFSTÄTTER, Peter. *Das Fischer Lexicon. Psychologie*. Frankfurt am Main: Fischer, 1957.
- JACKSON, Thomas et alii. *Golden Rule*, 2018. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Golden_Rule. Acesso em: 27 out. 2018.
- JAEGER, Cardeal Lorenz. Prefácio. In: SCHAMONI, Wilhelm. *Milagres são factos*, Guarda (Portugal): Oficinas de São Miguel, 1984.
- JERUSALINSKY, Alfredo et alii. *Dossiê autismo*. São Paulo: Instituto Langage, 2015.
- KNAPP, Natalie. *Der Unendliche Augenblick. Warum Zeit der Unsicherheiten so wertvoll sind*, Hamburgo: Rowohlt, 2015.
- KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. *Imperium*. Tradução: Klara Glowczewska. Nova York: Vintage, 1994.
- KRYNSKI, Stanislaw et alii. *Deficiência mental*. Rio de Janeiro: Atheneu, 1969.
- LEAKEY, Richard. *L'origine de l'humanité*. Tradução: Jean-Pierre Ricard. Paris: Hachette, 1997.
- MARCHART, Patricia Josefine. *Autistische Welten? In Zeichnung, Text, Foto und Film. Erkennbare Codes. Erkennbare Eigenschaften. Wie können wir einander verstehen?* Viena: Erhard Löcker, 2017.
- MARIE, Dom Antonio et alii. *Miracle of Calanda*, 2018. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Miracle_of_Calanda. Acesso em: 27 out. 2018.

- MELO, Priscila et alii. *Vício de linguagem*, 2018. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/V%C3%ADcio_de_linguagem. Acesso em: 27 out. 2018.
- MÜLLER, Michele. *O autismo se manifesta de forma diferente em meninas*, 2016. Disponível em: http://www.huffpostbrasil.com/michele-muller/o-autismo-se-manifesta-de-forma-diferente-em-meninas_a_21699367/?ncid=fcbklnkbrhpmg00000004. Acesso em: 14 nov. 2018.
- MUNRO, Thomas. Aesthetic Education and General Education. *In: Art Education. Its Philosophy and Psychology. Selected Essays*. Nova York: The Liberal Art Press, 1956.
- ORTEGA Y GASSET, José de. *El Espectador*. Madri: Alianza, 1969.
- OSTROWER, Fayga. *Acasos e criação artística*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- PATIL, Sharan et alii. *Lakshmi Tatma*, 2018. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Lakshmi_Tatma. Acesso em: 12 set. 2018.
- PICHOT, André. Génétique et eugénisme. *In: _____*. *La Société pure: de Darwin à Hitler*. Paris: Flammarion, 2000.
- PIGGOT, Stuart. *Arqueología de la India prehistórica*. Tradução: Francisco Gurza. México: FCE, 1966.
- ROCHA, Pedro Paulo. *In: FACION, José Raimundo et alii. Reflexões sobre um modelo integrativo*. Brasília: CORDE/SICORDE, 2002. p. 6.
- ROJAS, María et alii. *Stephan Wiltshire*, 2012. Disponível em: <http://artistas-con-capacidades-diferentes.blogspot.com.br/2012/11/stephen-wiltshire-discapacidad-autista.html>. Acesso em: 14 nov. 2018.
- ROSS, William David. *Aristóteles*. Tradução: Diego F. Pró. Buenos Aires: Sudamericana, 1957.
- SANTO ISIDORO DE SEVILHA. *Etimologías*. Texto latino e tradução espanhola: José Oroz Reta. Madri: B.A.C., 1982.
- SANTOS, Albertina Brasil et alii. *Estratégias e orientação sobre artes*. Respondendo com arte às necessidades especiais. Brasília: Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação/MEC, 2002.
- SCHRENK, Friedemann; MÜLLER, Stephanie. *Die Neandertaler*. Munique: C. H. Beck, 2005.
- SCHWARTZMAN, José Salomão. *Autismo infantil*. São Paulo: Memnon, 2003.
- SILLAMY, Norbert. *Dictionnaire de la psychologie*. Prefácio: Angélo Hesnard. Paris: Larousse, 1965.

SILVEIRA, Carlos Frederico Gurgel Calvet da. “Cornélio Fabro, intérprete de Santo Tomás”, in <http://www.aquinate.com.br/wp-content/uploads/2016/11/artigo-frederico-Cornelio-fabro-interprete.pdf>, consulta feita em dezembro de 2018.

VELOSO, Amanda Mont’Alvão. *O holocausto brasileiro e os estragos irreparáveis do silêncio*, 2016. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/2016/11/09/o-holocausto-brasileiro-e-os-estragos-irreparaveis-do-silencio_a_21700120/. Acesso em: 13 set. 2018.

VENTURA, Adilson et alii. *Mostra Albertina Arte sem Barreiras 2012*, 2012. Disponível em: <http://gruponozcego.blogspot.com.br/2012/04/vi-mostra-albertina-brasil-de-artes-sem.htm>. Acesso em: 26 out. 2018.

VINCENT, Roger et alii. *Brian Dunning*, 2018. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Brian_Dunning_\(author\)#Wire_fraud_cas](https://en.wikipedia.org/wiki/Brian_Dunning_(author)#Wire_fraud_cas). Acesso em: 20 out. 2018.

SIR WILLIAM SMITH et alii. *Everyman’s Atlas of Ancient and Classical Geography*. Londres/Nova York: Dent/Dutton, 1952.

WING, Lorna. Crianças à parte: o autista e sua família. In: GAUDERER, E. Christian et alii (org.) *Autismo. Década de 80*. São Paulo: Sarvier, 1985.

Artigo recebido em 11/12/2018 e aprovado para publicação em 19/02/2019

ISSN 1677-7883

DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v18i35-2019-8>

Como citar:

GANZAROLLI DE OLIVEIRA, João Vicente. Da deficiência em geral e do autismo em particular. A contribuição da arte. *Coletânea*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 35, p. 191-216, jan./jun. 2019. Disponível em: www.revistacoletanea.com.br.